

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLVII



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

---

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras no ano de 2019.

---

*Título:* Memórias da Academia das Ciências de Lisboa  
Classe de Letras  
Tomo XLVII

*Edição:* Academia das Ciências de Lisboa

*Impressão:* Gráfica 99

*Data de impressão:* 2024

*ISSN:* 0378-116X

*Depósito legal:* 61370/92

*DOI:* <https://doi.org/00000>

# **Padre Manuel Antunes: Uma voz de plenitude e novidade na Faculdade de Letras de Lisboa**

AIRES A. NASCIMENTO

## **1. UMA VOZ NOVA.**

A voz é elemento identificador da pessoa, ainda que não único nem principal: há um timbre, uma inflexão de discurso, uma forma de entoação que não enganam na identificação da pessoa; em tempos, por razões de ofício pastoral, habituei-me, intuitivamente, a perceber a voz como dado que me permitia identificar alguém pelo timbre e pela inflexão dada nas suas expressões vocais, ainda que falando fora do meu olhar e em surdina — um pouco como faz um invisual que se apercebe de uma pessoa e retém o que outros deixam de lado, por parecer supérfluo.

Há vozes que, efectivamente, nos trazem ressonâncias (mais que timbres) e por isso são indisfarçáveis e indisfarçadas: algumas não se esquecem, mas de entre elas tendemos a distinguir as que mais nos influenciam, como se fossem um ἔπος que impulsiona e vai direito ao objectivo procurado (como a voz homérica, versátil e certa, tantas vezes apelidada de “alada”). A elas voltamos para, em análise, identificarmos a sua influência: porque conferem sentido à vida, articuladas e inteligíveis, integradas em ritmo e em frase sonora, como as que soltava o aedo, capaz de ᾄδειν, ou o profeta, a quem se pede conselho de acção. Especial atenção merecem aquelas vozes que deixam perceber o λόγος, que é resultado de pensar, que diz e conforma, porque, sendo conhecimento, estrutura, informa e relança: se nos



---

<sup>1</sup> Castarède, M.-F. et Konopczynski, G., *Au commencement était la voix*. Paris, Érés, 2005; Martin-Achard, F., *Voix intimes, voix sociales Usages du monologue romanesque aujourd'hui*. Paris, Classiques Garnier, 2017.

prendem ao *sermo*<sup>2</sup>, neste a Palavra toma sentido pleno, assume-se fora da glosolalia de todos os dias, e coloca-nos em demanda do saber e da sabedoria<sup>3</sup>.

A voz de Manuel Antunes era uma delas: não porque fosse melódica (era um tanto velada) nem porque se impusesse por brado de comando (era branda); bastava-lhe o peso das palavras, que articulava pausadamente para deixar entender o conteúdo do que dizia: com isso ele deixava em suspenso um auditório inteiro, exigente e crítico, como era previsível em universitários que despertavam para a vida. Às vezes, juntava-lhe um pequeno gesto, pouco rasgado, mas a esse complemento a audiência raramente atendia, pois estava voltada para o registo da escrita em que retinha o que ia ouvindo silenciosamente — em escuta respeitosa e criativa.

\*

Fez-se ouvir essa voz, pela primeira vez, na Faculdade de Letras de Lisboa no início do ano civil de 1958, ia o ano académico a entrar no 2.º trimestre. Não era a voz dos Cantares que se ouvia, até porque não era tempo de Primavera<sup>4</sup>; era ainda Inverno, porque só em finais de Dezembro de 1957 se concluíram os formalismos burocráticos, que lhe abriam o caminho do ensino universitário<sup>5</sup>.

No entanto, não começou por proclamar que era *vox clamantis in deserto* — “a voz daquele que clama no deserto” (Iohan. 1, 23); vinha atrasado, sim, por culpa de burocracias, mas nada reivindicava e a ninguém assacava culpas: era suave

---

<sup>2</sup> A tradução de *logos* para latim deu lugar a *verbum*, na Vulgata, embora S. Jerónimo porfiasse por *sermo* e a este termo tivesse pretendido regressar Erasmo: cf. Marcel Bataillon, *Études sur le Portugal au temps de l'humanisme*, Coimbra, Universidade, 1952, p. 39; Marc'hadour, G., *Thomas More et la Bible: la place des livres saints dans son apologétique et sa spiritualité*, Paris, Vrin, 1969, p. 497; M. O'Rourke Boyle, “Reopening the conversation on translating Jn 1,1”, *Vigiliae Christianae*, 31, 1977, 161-168; Jean Lecoq, *L'idéal et la différence: la perception de la personnalité littéraire à la Renaissance*, Genebra, Droz, 1993, p. 420.

<sup>3</sup> Cf. Sabina Crippa, “Réflexion sur la théorie de la voix en Grèce ancienne”, in *Puissances de la voix: corps sentant, corde sensible*, dir. Sémir Badir et Herman Parret, Limoges, Pulim, 2001, pp. 37-50; a identificação pela voz faz parte de explorações complexas de que se ocupa a biometria; cf. Béatrice Bloch, “Voix du narrateur et identification du lecteur”, *Cahiers de Narratologie* [En ligne], 10.1 | 2001, mis en ligne le 24 octobre 2014, consulté le 19 février 2018. URL: <http://journals.openedition.org/narratologie/6944>.

<sup>4</sup> *Vox turturis audita est in terra nostra* — “a voz da rola ouviu-se na nossa terra”, Cant. 2, 12.

<sup>5</sup> O cronograma desse percurso pode consultar-se em *Obra Completa do Padre Manuel Antunes, s.j.*, Vol. VI, coord. Aires A. Nascimento, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp. 20-25; só depois da tomada de posse definitiva, em 7 de Janeiro, após publicação em DG a 30 de Dezembro de 1957, era legal a leccionação.

essa voz e só quem estivesse disponível para o saber lhe atenderia para seguir o percurso que se propunha traçar.

Entrou com a simplicidade de quem ia directo ao tema: *in medias res*, como mandava a retórica clássica — sem rodeios nem inflexões de *confessio humilitatis*; oferecia as categorias necessárias e úteis como elemento de formação e de aplicação operativa. Em esquema trazia aquilo que tinha de seu, que era resultado da sua inteligência e fruto de leituras abundantes e selectivas, em bibliografia que desdobrava imediatamente antes de começar a lição; isso revelava a preparação para uma tarefa que hesitara em assumir, mas tomara a peito, depois de a aceitar, e fazia-o de coração livre e desassombrado.

A voz era suave, mas firme; sem hesitações nas palavras e sem titubear no que dizia. Não precisava de outras credenciais.

## 2. UM TEMPO NOVO NA ACADEMIA.

A FLL abria as suas portas em edifício novo, no mês de Outubro. A inauguração oficial surpreendera o próprio Director, Vitorino Nemésio, que, descontraído, prosseguia as suas digressões culturais pelo Brasil.<sup>6</sup> Ele, Manuel Antunes, iria chegar no início do Novo Ano, com atraso de um trimestre — porque tinham de ser respeitados os trâmites administrativos e a burocracia não era expedita nem se compadecia com as exigências de um ensino programado.

Noutras circunstâncias, Manuel Antunes ousaria apelar à urgência do tempo que ia adiantado e não esperava<sup>7</sup>: tinha ele ritmo próprio, que se impunha a si mesmo, porque, por temperamento e por educação, era disciplinado; não protestava nem dava mostras, em público, dos seus estados de alma — uma vez ou outra, em momento de descontração, permitia-se uma anedota ou um dito espirituoso, com uma ironia que alegrava os mais sorumbáticos.<sup>8</sup> Naquele dia, em

---

<sup>6</sup> A inauguração não foi adiada e Vitorino Nemésio considerou-se preterido e por isso apresentou a demissão do cargo, sendo substituído por Orlando Ribeiro, mas este apenas se demorou alguns meses em funções.

<sup>7</sup> Assim o recordou Maria de Lurdes Ferraz, ao recuperar lembranças de um ano, 1960–61, em que o contrato andou atrasado e perdido em tempos mortos: cf. *Obra Completa*, VI, pp. 373–378.

<sup>8</sup> Em aula de “Cultura Romana”, em 1967, em plena campanha eleitoral americana, ouvimo-lo comentar, com humor, que o mundo podia cair em volta da América que os americanos não levantavam os olhos para fora das fronteiras, não obstante a morte de Conrad Adenauer e a morte de Che Guevara ou a guerra do

que a leccionação começava, não ousou dizer que vinha atrasado nem tinha que pedir desculpas, porque, se o fizesse, teria de inculpar o sistema: a brevidade do tempo levava-o a ir directamente ao essencial. Por isso, sem mais delongas, enunciou logo o conteúdo da disciplina que lhe havia sido confiada.

### 3. FRENTE AO TEMPO DAS NOSSAS ORIGENS.

Tratava-se de *História da Cultura Clássica*: disciplina nova e não agrupada. Tal condição dava-lhe a ele, responsável pela respectiva docência, uma responsabilidade multidisciplinar, porque se dirigia a alunos de diversos cursos universitários: Filologia Clássica, Filologia Românica, Filologia Germânica, Filosofia.

Considerou que não havia razão para enunciar todas as precauções que só a si diziam respeito. De facto, Manuel Antunes diversificava o ensino, mas, quem o seguisse de fora, imaginaria o contrário: não se podia multiplicar por encanto, mas procurava a todos ser útil cientificamente e sapientemente — ainda que alguém, em caricatura benigna e elegante, não tivesse deixado de lhe dar um epíteto que o remetia para as origens, como “ovo cósmico”, dos órficos, e outro também considerasse que as suas aulas eram monótonas.<sup>10</sup>

De olhos postos no fundo do anfiteatro, Manuel Antunes retomava pausadamente o que escrevera, de uma vez por todas — como se o considerasse um κτῆμα ἐς αἰεί; trazia a sequência expositiva organizada, mas fazia por se ater aos ritmos dos ouvintes que iriam habituar-se a uma linguagem nova — vocabulário

---

Vietname, embora se soubesse da importância do primeiro e do envolvimento da polícia americana no crime que vitimou o segundo e soassem as bombas que caíam sobre Saigão.

<sup>9</sup> Mais adiante nos referiremos ao processo de contratação de Manuel Antunes e do papel tido no convite por António Gonçalves Rodrigues.

<sup>10</sup> Escrevia Manuel Antunes em 1978: “Desde bastante cedo, o autor deste breve elenco entendeu que uma sã interdisciplinaridade deveria ser precedida, mesmo a nível individual, por uma pluridisciplinaridade tão larga quanto a cada um fosse possível, para não se cair numa glossolalia de surdos. Entendeu também, ao longo dos anos foi entendendo, que o vínculo unitivo dos *disiecta membra* deveria ser a Filosofia”. (Lx., 4-12-1978). O epíteto referido acima corria entre os alunos (e era interpretado por Jorge Silva Melo, com humor, e recebido com bonomia), mas era respeitoso e reflectia o que professor ensinava; Luís Miguel Cintra, não obstante toda a amizade que mantinha por Manuel Antunes, não escondeu, em referência posterior, o seu desencanto pelo desempenho menor da leccionação do Mestre (em 1966 um adolescente de 1.º ano de Filologia Românica reagia à sua maneira, com a familiaridade que lhe dava alguma liberdade).

novo, discurso novo, referências novas, bibliografia nunca antes ouvida (esta era antecipadamente facilitada no quadro, onde a mão do professor fazia questão de previamente a escrever).

Parecia que tudo iria ser uniforme, mas o mestre atenderia sobretudo à capacidade de construir uma personalidade: haveria duas frequências, ao logo do ano; o mestre procuraria, através delas, conhecer os alunos (e eles eram centenas); no final do ano, contudo, diversificava o interrogatório do exame oral (de tal modo que o exame de um aluno de Românicas diferia de um de Filosofia, um de Clássicas não se correspondia directamente com um de Germânicas).

Manuel Antunes seguia o que trazia escrito: não escrevia na água (Platão, *Fedro* 276c), mas na alma, porque o trazia inscrito no espírito; não se limitava a dizer: tinha presente o que planeava e organizara, mas sabia bem o que escrevera; não improvisava, a não ser quando algum aparte se tornava necessário; construía de raiz, sob rocha firme, como mandava o preceito evangélico.<sup>11</sup>

#### 4. UM MÉTODO DE ENSINO: ELUCIDAÇÃO E REFONTALIZAÇÃO.

Porque não cabiam delongas ou dúvidas, de entrada, o Mestre definia estratégias e começava por definir o método de abordar o conteúdo: 1) método genético-evolutivo-homogêneo; 2) método genético-evolutivo-heterogêneo; 3) método comparativo. Seria este o método preferido para o curso, advertindo que, tratando-se de duas culturas, grega e latina (“Cultura Clássica”), com a sua identidade e com o seu percurso próprio, elas, a partir de uma fase da sua história, vieram a influenciar-se mutuamente, como que reconhecendo-se no que cada uma delas era no início e como continuava a sê-lo na deriva e diversidade de rumo que planeava seguir.

---

<sup>11</sup> Em relação próxima com os alunos, Manuel Antunes iria revendo os apontamentos que lhe eram regularmente submetidos por um dos alunos; não conhecemos a versão primigénia, mas, casualmente, em mesa de alfarrabista, adregámos adquirir um exemplar da sebenta de 1958–59, que tomamos como equivalente àquela e correspondente a um ano académico mais preenchido que o primeiro. A edição que se veio a publicar deveria ter obrigado a constituir um processo genético, que os organizadores do vol. I das *Obras Completas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, não adregaram respeitar; por nós, teríamos estabelecido um quadro de diferenças: elas revelariam matizes que, nas variantes, deixariam entender percepções e variantes de ensino que se ia fazendo com a progressão do docente e suas aquisições disciplinares.

Passava o Mestre, de imediato, a definir o seu modo de trabalhar, traçando o sentido do curso: anunciava a procura do “sentido de elucidação” e a busca do “sentido de refontalização”. Filologia e Filosofia eram duas constantes indelevelmente presentes.

Não se tratava de questões longínquas, que se pudessem ver de longe, mas tratava-se de questão concreta que tinha incidência pessoal: “afinal, quem somos nós?”.

Respondia de imediato: “a nós, europeus, com orientação universalista, fizeram-nos três realidades, três formas maiores — o Helenismo, no pensamento, na ciência e na arte; Roma, na estruturação jurídico-política; o Cristianismo, na visão religiosa — enfim, Atenas, Roma, Jerusalém.

Para que nada parecesse abstracção ou simples erudição, ficava a interpelação pessoal com solicitação para esforço a uma leitura directa do passado: “um encontro com os que durante muitos séculos nos precederam e, em última análise, um encontro com nós mesmos: nós somos nós e somos eles também”; às vezes, nós e o seu contrário, na procura de uma totalidade que nos transcende.

Havia um objectivo e um modo de trabalhar: como diziam os humanistas do Renascimento, estava em causa *excolere litteras humaniores*, cultivar as letras, estas que são o cimento de uma cultura, que devia ser objectivamente humana e era destinada a tornar os homens mais humanos. A refontalização e a atenção à construção do próprio tempo tornavam-se processo imprescindível: em ciclos que não se fecham sobre si mesmos, mas se vão superando, com a integração de conhecimentos adaptados a cada idade, que se vai erguendo e se deve assumir para se tornar memória de tempos vindouros.

Com este introito, passava-se à proposta de conteúdos, para definir os termos que constavam da designação da disciplina: havia que saber o que eles significavam e sobre os quais havia que reflectir. Começava-se por *história*; em fase já adiantada, havia de defini-la na respectiva semiogonia e semiologia, reportando-a particularmente a exercício de indagação crítica (ιστορία) e respectiva interpretação (exegese). Quanto a *cultura*, definia-a na sua polissemia: em regime escolar, convinha saber que atrás deste segundo termo está *paideia* (παιδεία – capacidade de se promover na excelência moral, pelo máximo de potencialidades mentais e físicas até formarem um carácter íntegro, que respondesse às responsabilidades de cidadão integrado): o termo é de matriz grega, mas encerra um processo

assumido na sua secundariedade latina; o segundo termo remetia para o primeiro, mas havia que explicitar o significado de *colo*, que, de amanho da terra e delimitação de espaço, passara a exprimir dimensão cultural, para depois abranger sobretudo manifestações culturais, pois o homem faz-se a si mesmo, num processo de procura e de superação contínua e incessante — *in faciendo fit faber*.

O qualificativo de *clássico* abria horizontes para um tempo em que tudo tinha começado para a Europa e a que se tornava obrigatório voltar, para se reciclar, porque o tempo antigo era auroral e seminal.

Outras categorias viriam encaixar-se nesse quadro, que era moldura de aplicação variável: notáveis foram os alargamentos para explicar as noções de *tempo*, de *mito*, de *logos*, de *mística*, de *teoria dos conjuntos*<sup>12</sup>; não sei se nalguma versão o desenvolvimento discursivo incluiu a categoria de *espaço* ou de *lugar*, mas quero supor que sim, numa economia de tempos em que por vezes haveria contracção e outras vezes alargamento/diástole, porque no *mundus* romano, continuação do etrusco, tudo se reflectia e o *cosmos* significava mundo harmonioso e organizado em templo inscrito na terra e reflectido do *caelum* de onde o *augur* o recolhe...

Em modo de apresentação, e atendendo ao percurso a fazer (que dizia ser íngreme<sup>13</sup>), Manuel Antunes não precisava de esclarecer uma relação pedagógica que iria ter em conta: já antes tinha escrito algo que podia ser entendido então por quem tivesse atendido à sua personalidade; a respeito da relação entre críticos e autores, escrevera ele: “cumprindo a sua missão ou seguindo o seu destino, estão eles feitos para se entenderem no terreno comum da realidade objectiva”<sup>14</sup>. Afinal, Mestre e discípulos estavam no mesmo barco, o da construção do Homem no seu tempo, o da “poética” e o da “história”: como acentuava Ápio Cláudio Cego, *Homo, faber est suae quisque fortunae* — “cabe a cada um traçar o seu destino” e não deixá-lo à sorte do *Fatum*.

Propósito a atingir era perceber o supremo sentido do bem e do belo, definido no *καλὸς κἀγαθός* dos gregos, o qual, segundo se podia ler em Werner Jaeger, compreende a totalidade de valores que formam o “ideal da excelência da

---

<sup>12</sup> Atemo-nos aqui a Manuel Antunes, *Teoria da cultura*, coord. Maria Ivone de Ornellas de Andrade, Lisboa, Colibri, 1999, por ser a exposição que mais se aproxima daquela que nos foi proposta no ano em que frequentámos a disciplina.

<sup>13</sup> Fiam H. Paes Brandão hesitou em apresentar-se a exame e só o fez depois de dois anos de estudo.

<sup>14</sup> Lemos o mote em Manuel Antunes, *Legómena*, org. Maria Ivone de Ornelas de Andrade, Lisboa, INCM, 1984, p. 13, onde a situação é de diálogo entre críticos e autores; o texto era já de 1952.

personalidade humana que compreende harmonia de alma e de corpo, destreza tanto para o combate como para o uso da palavra, para o canto e para a acção”<sup>15</sup>.

## 5. O HOMEM, EM PRIMEIRO LUGAR: ΓΝΩΘΙ ΣΑΥΤΟΝ – GNÔTI SAUTÓN, NOSCE TEIPSUM

Ao ouvirem aquela voz ressoar no Anfiteatro I, as atenções fixavam-se em articular palavras que o som sugeria; a voz pouco tinha de melódico: era suave e serena, quanto bastasse, mas fixava-se na palavra; tinha que haver alguma concentração para atender a uma figura exígua e quase tímida que subira à mesa e daí dera início a uma exposição um tanto melancólica. Surpresa?

Manuel Antunes ficara frente a uma plateia de jovens ainda adolescentes, mas ávidos de saber; com humildade, haveria de lhes lembrar, mais adiante, a máxima suprema que se erguia no templo de Delfos: *gnôti sautón* – Γνωθι σαυτόν.

Exigia explicação essa sentença, não porque fosse revelação divina, mas pelas implicações que tinha como modelação antropológica: *conhece-te a ti mesmo e não aspíres a outra coisa*; em comentário, acrescentava: *Homem toma consciência dos teus limites e não tentes medir-te com os deuses, pois seria desmedida* (ὑβρις) *que eles não perdoariam e a Némesis castigaria*. Poderia o Mestre invocar muitas autoridades, que lhe eram familiares, para sublinhar a tradição daquela máxima vivida ao longo dos séculos, que animara o sentido da introspecção, da contemplação e da entrega à meditação das verdades fundamentais da vida humana<sup>16</sup>; bastava reportá-la ao oráculo de Delfos e deixar-lhe o sentido dessa máxima — lapidar e escultórica.

---

<sup>15</sup> Jaeger, W., *Paideia. los ideales de la cultura griega*. trad. Joaquín Xirau y Wenceslao Roces, Fondo de Cultura Económica, México-Madrid, 1960; no original, *Paideia: The Ideals of Greek Culture* (3 vols.), Oxford University Press, 1945; a tradução portuguesa apareceria mais tarde por trabalho de Artur M. Parreira, que aprendera a lê-lo com o Mestre Manuel Antunes (ed. Lisboa, Aster, 1979).

<sup>16</sup> Considera-se hoje que a máxima procedia da tradição egípcia, pois se encontrava já no templo de Luxor, onde o visitante era advertido de que apenas deveria passar para a parte interior depois de reflectir sobre o significado da sentença e se considerar disponível para conhecer as suas limitações humanas: cf. Parke, H. & Wormell, D., *The Delphic Oracle*, Londres, Basil Blackwell, 1956, vol. 1, p. 389, conhecemos hoje a obra de Pierre Courcelle, «*Connais-toi toi-même*», de Socrate à saint Bernard, Paris, Études Augustiniennes, 1975, 3 vol., 790 pp. Fará bem o leitor, que não tenha outras autoridades à mão, ler as judiciosas anotações feitas por I. H. Marrou, *Journal des savants*. 1977, vol. 2, n.º 1, pp. 129-134.

Havia vibração na palavra do Mestre: algum dos alunos mais afeito a leituras dava-se conta de que a voz que escutava o remetia para um artigo que alguma vez lhe havia suscitado interesse: pelos contrastes em que se exprimia e pela sua linguagem analítica, era inconfundível o modo como se declarava. De facto, ainda jovem, revelara-se na sua frescura de subir aos cumes oraculares para interpelar os próprios criadores da poesia<sup>17</sup>.

Depressa os ouvintes se apercebiam da frescura daquela voz e, a pouco e pouco, foram percebendo que ela se desdobrava em palavras e que estas ganhavam sentido em nova gramática. Decompondo o que o Mestre enunciava, os ouvintes eram convidados a sentir o *logos* na densidade do tempo do mundo e na leitura dos seus cultores maiores, os filólogos e os filósofos, com os poetas por mediadores; no recorte cinzelado das frases, os alunos apressavam-se a fixar as palavras por escrito para não as perderem, ainda que não as percebessem de imediato: a análise vinha por partes, fazendo que o conceito se desdobrasse em *sermo*, que já não era apenas *verbum*, pois retomava forma maior no reconhecimento do ἔπος a que remontava; este solicitava o *poein* (de ποιέω), que tendia a construir o Homem, medida de si mesmo, à procura do divino, e o depunha numa história que se responsabiliza por ela própria, conjugando ética e estética.

Poucos eram capazes de entender de imediato todo o processo, mas este começava ali. A confirmação viria de Vitorino Nemésio, que era poeta do fundo da alma: certa vez, em 1964, foi ouvi-lo falar do “Platonismo em Fernando Pessoa”; no final, não se conteve que não comentasse para João Maia, que era jesuíta, como Manuel Antunes: “o nosso amigo mete os poetas com tanta arte em sua casa que, quando eles de lá saem, ainda vêm mais poetas”<sup>18</sup>.

Havia surpresa nas palavras escutadas e a surpresa havia de chegar à admiração e esta abria ao diálogo depois: algum desapontamento também, por parecer que era um exercício passivo o das aulas expositivas, mas havia que lançar a

---

<sup>17</sup> Manuel Antunes, “A Poesia Modernista. De Orpheu a *Altitude*”, *Brotéria*, 31, 1940, pp. 300-320; só depois saiu para as livrarias o volume *Ao encontro da Palavra. Estudos de Crítica Literária*, Lisboa, Morais, 1960, e o volume *Do Espírito e do Tempo*, Lisboa, Ática, 1960.

<sup>18</sup> Quem o escutou foi o P.<sup>e</sup> João Maia que convivia com o P.<sup>e</sup> Manuel Antunes todos os dias: cf. Manuel Antunes, *Obra Completa*, VI, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 348 e 380. A conferência foi publicada em *Brotéria*, 78, Fev. 1964, pp. 137-148.

semente e esta teria de amadurecer; o terreno, porém, era apetecível para ser fértil e os resultados apareciam em reflexões e em interrogações que brotavam de vários lados.

## 6. PRIMADO DA PALAVRA PLENA, EM MATURIDADE DE SENTIDO.

Chegava Manuel Antunes à Faculdade de Letras de Lisboa em tempo de maturidade plena: o lugar parecia favorável à sementeira. Nova era a estrutura curricular que ele fora convidado a partilhar na Faculdade de Letras de Lisboa<sup>19</sup>: quando o Vice-Reitor da Universidade, Prof. Doutor António Gonçalves Rodrigues, lhe dirigiu o convite, Manuel Antunes hesitou, demorou três meses a reflectir e depois foi ao encontro dele para lhe comunicar que não se encontrava preparado para o desafio; instado de novo pelo mesmo A. Gonçalves Rodrigues, que se empenhara na nova Reforma e a secundava na Faculdade de Letras, deu um dia depois o seu assentimento e teria mais tarde a oportunidade de confidenciar essas hesitações. A decisão fora tomada em rebate de consciência num *bivium* de Hércules, que não foi necessário esclarecer porque fora sentido como *βίος/βίος* de Heraclito (DK 48), a um tempo “tensão” e a outro tempo “vida”; apaziguado ficara A. Gonçalves Rodrigues, mas, discretamente, como Vice-reitor, haveria de acompanhar os desenvolvimentos que o próprio Reitor tivera de apaziguar.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Em outras ocasiões nos obrigámos a comparar os currículos universitários e pudemos concluir que a Reforma universitária de 1957 iniciava novidades no ensino da Faculdade de Letras. Trabalhou nessa Reforma o Prof. Doutor António Gonçalves Rodrigues e empenhou-se em dar-lhe seguimento, ao mesmo tempo que cuidou em proporcionar-lhe um novo edifício, na Alameda da Universidade, para onde transitou do antigo edifício do Convento de Jesus, onde funcionara ao lado da Academia das Ciências. Cf. Aires A. Nascimento, “O estudo das Letras, caminho para a sabedoria: evocação do 150.º aniversário da fundação do Curso Superior de Letras de Lisboa por D. Pedro V”: Comunicação à Academia das Ciências de Lisboa, em 25-02-2010, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, 2010.

<sup>20</sup> Se é verdade que a proposta de contratação formal é assinada por Vitorino Nemésio, seria simplificar e faltar à verdade não tomar em conta que isso representava o termo de um processo de contratação; atribuir o empenho de convite a quem não tinha sentido administrativo e andava ocupado sempre com as suas elucubrações literárias é desconhecer a realidade. Mário Sottomayor Cardia (cf. *Obras Completas*, VI, pp. 490-515, concretamente, 496) interrogou-se se não teriam sido afinidades entre os dois que teria desencadeado o convite, por um ter reparado nas qualidades críticas do primeiro ensaio de Manuel Antunes: é passar a esquema literário o que teve outra configuração. Tudo nasceu da iniciativa do Prof. António

Entrava Manuel Antunes ao serviço de homens que desabrochavam para a vida. Perante ele levantava-se o ideal humanista da formação humana, que devia abranger todo o humano para o fazer mais humano, pois se tratava de servir as *litterae humaniores*.

Revia-se ele na máxima de Terêncio, *homo sum, humani nil a me alienum puto* — “sou homem, nada do que é humano considero que me é alheio”: significava isso assumir o humano em toda a diversidade possível em unidade, apesar da dispersão; através do saber, assim o queria ele, ao recomendar *Les Degrés du savoir: Distinguer pour unir*, de Jacques Maritain, logo no início do seu Curso. Transcender o humano, respeitando-o; assumi-lo na sua complexidade, abrindo-o ao divino.

Tarefa ingente, sem dúvida, pesava sobre os seus ombros. Era ele figura de compleição frágil, presença discreta, aparência modesta: sobrava-lhe um olhar vivíssimo para descobrir o mundo e os homens; a voz era débil, mas “esse mínimo de voz tinha peso”, e tudo fazia vibrar, “no peso de cada palavra”, como anotou Salette Tavares<sup>21</sup>.

Afirmativo nos paradoxos em que, pela contradição, se superava a si mesmo, desafiava os mais novos a superarem-se no que ele lhes propunha, mas acolhia com um sorriso quem se lhe dirigisse e, atento ao seu interlocutor, falava-lhe como se tivesse todo o tempo do mundo à disposição; eventualmente, compen-sava no gesto breve o que eventualmente ficara à espera de uma explicação na ressonância de uma sala (auditório I) que tinha dificuldade em preencher porque

---

Gonçalves Rodrigues, que estabeleceu os primeiros contactos e teve a persistência necessária para vencer relutâncias e chegar à anuência do próprio. Partíramos nós de indícios (nos quais incluímos conversas havidas com o próprio Prof. Gonçalves Rodrigues), mas as suspeitas foram-nos confirmadas por António Jorge Gonçalves Rodrigues, filho do Prof. A. Gonçalves Rodrigues e nosso antigo colega de Faculdade, que foi aluno do Padre Manuel Antunes no primeiro ano da docência deste na Faculdade de Letras; sim, confirmou-nos ele: “quem se dirigiu ao P.<sup>e</sup> Manuel Antunes para ensinar “Cultura Clássica” na Faculdade de Letras foi o meu pai”. Agradecemos-lhe também aqui a gentileza de nos responder quando o interrogámos sobre eventuais trocas de impressões com seu pai a respeito do novo professor que ele encontrara pela frente no 1.º ano da vida universitária. Temos para nós que a Faculdade de Letras tem para com o Prof. António Gonçalves Rodrigues uma dívida que tem demorado a saldar: em outro momento, em conversa com J. V. Pina Martins tivemos a confirmação da intervenção de A. Gonçalves Rodrigues em outros convites, como foi o dele próprio que, tendo acabado de assinar contrato com a Universidade de Montpellier, o rescindiu para aceitar a proposta que lhe endereçou aquele Professor para assumir o ensino na Faculdade de Letras; Pina Martins partilhou nesse ano a cadeira de História da Cultura Clássica com Manuel Antunes, que foi apanhado desprevenido e reagiu ameaçando abandonar o cargo; apenas o Reitor da Universidade, Marcello Caetano, o fez desistir de tal intento. Voltaremos mais adiante a este episódio.

<sup>21</sup> Cf. *Obra Completa do Padre Manuel Antunes*. VI, p. 362.

o anfiteatro onde ele falava estava sempre repleto e a sua voz tinha de ser escutada na plenitude de si mesma.

Jogo de palavras? Não: frontalidade de homem que só tinha a palavra como modo de expressão. Na sua modéstia, terá ele sentido um frémito de alma quando Almada Negreiros, depois de o ouvir, ao vê-lo afastar-se, proclamou, à esquina do Dona Maria, no Rossio, o que era uma revelação: “sim, senhor, vi hoje um homem que é só espírito”<sup>22</sup>. Terá sentido um frémito no fundo da alma, porque a declaração pública o identificava.

À voz da conferência por ele feita imaginamo-la nós, que facilmente recordamos aquela que serenamente ele tinha no Anfiteatro I da Faculdade de Letras: enchia o espaço, sem esforço, apesar da ausência de microfones, e tinha por ele a atenção de uma multidão voltada para ele: de pé, às vezes em pequenos gestos, sublinhava o significado de alguma palavra a reter; mantinha sempre o sorriso, que nele era permanente, embora discreto.

Reconhecemo-lo como homem adulto: porque nasceu adulto, como ele escreveu, um dia, a respeito de Kierkegaard: “Alguém que nunca foi criança, nunca foi adolescente; nunca foi jovem, mas adulto, sempre adulto”<sup>23</sup>. Assim parecia ele retratar-se a si próprio, quando, aos 28 anos, entregou o texto das suas cogitações filosóficas na Faculdade de Ensino de Granada.

Guardou recordações da infância: algumas delas amargas<sup>24</sup>, mas nunca esqueceu os cerros da ribeira da Sertã (onde ele nasceu em 3 de Novembro de 1918); dela se despediu, mas ali voltava em pseudónimos que espalhou por centenas de artigos

---

<sup>22</sup> Cf. *ibidem*, p. 279: foi o P.<sup>o</sup> João Maia, S.J., quem referiu o episódio: Almada Negreiros, acabara de escutar Manuel Antunes e, da esquina do Teatro Nacional, virado para o Rossio, embevecido e transfigurado, terá clamado para quem o quis ouvir que acabava de ver um homem que era só espírito; espírito incarnado, seguramente, embora para os dois que se haviam encontrado, frente a frente, despertos na interpelação recíproca que lhes avivava a alma, um corpo breve bastasse para dar presença ao espírito que vibrava por dentro da matéria somática.

<sup>23</sup> Lemos esse elogio em João Bénard da Costa, *Público*, 18 de Dezembro de 2005, ao associar-se ao Congresso do 20.<sup>o</sup> aniversário do falecimento do P.<sup>o</sup> Manuel Antunes; registemos, porém, o título da tese de licenciatura apresentada pelo homenageado, aos 28 anos, na Faculdade de Teologia, em Granada, *Panorama da Filosofia Existencial de Kierkegaard a Heidegger*.

<sup>24</sup> Sabia que guardara tão bem os sapatos que um dia o pai lhe dera com a recomendação de não os estragar que, quando os foi buscar para ir fazer exame da 4.<sup>a</sup> classe primária, os pés não cabiam dentro deles e teve de se apresentar descalço e de lágrimas nos olhos (a recordação conservou-a a sua irmã, Maria do Céu Antunes: cf. *Obra Completa*, tom. VII, p. 24).

na *Brotéria*<sup>25</sup>; teria sido entusiasmante subir com ele ao talegre da serra da Melriça, onde Vergílio Godinho plantou a velhinha que, quando alcançou o cimo, se deixou tomar de espanto para dizer aos netos que nunca supusera que o mundo era tão grande<sup>26</sup>... Sim, o mundo era seu e ficou maior, quando ele saiu de lá à procura dele.

## 7. O ASSOMBRO QUE É O HOMEM.

Manuel Antunes procurou o Homem e colocou-se ao serviço do Homem. Conhecia ele de cor o tema que entoava o coro da Antígona de Sófocles: “Há no mundo muitas coisas assombrosas,/mas nada há mais assombroso que o homem” (vv. 332-62)<sup>27</sup>: tomando a expressão grega, arrepia um pouco ver o homem confrontado com um neutro, um *deinóteron* pelo que é capaz de fazer; atendamos, porém, que o comparativo é grau de distinção pelas suas capacidades — fica fora do *δαινότατον*, porque, afinal, o humano fica no nosso âmbito; se é *deinón* é-o pelo que consegue ultrapassar-se no que faz no dia a dia.

\*

Ao serviço do Homem, Manuel Antunes ampliou a vida: por actuação, que marcou várias gerações de universitários e homens de cultura.<sup>28</sup> O coro unânime de elogios celebrativos, que vieram a público após a sua morte, alargou as melhores recordações guardadas do contacto com ele como professor, por efeito da sua

---

<sup>25</sup> São nomes escolhidos de entre os topónimos de localidades e ribeiras do concelho da Sertã: quem será capaz de situar a ribeira do Trízio, por exemplo? Com o turismo tudo se tornou mais familiar, mas ao longo de décadas do século XX os lugares das aldeias ficavam perdidos e só os amantes da natureza os sabiam encontrar na geografia do concelho da Sertã.

<sup>26</sup> Godinho, V., *Calcanhar do mundo*, Lisboa. Gama, 1941. O romance foi agraciado com o Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências, em 1942.

<sup>27</sup> O termo grego é *deinós*: ocorre 14 vezes na peça, distribuído diversamente: Antígona (96, 914), Guarda (243, 323, 408), Coro (332, 333, 951, 959, 1091), Hémon (690), Creonte (1046, 1096, 1097). O drama desenrola-se numa intensidade dramática: Antígona e Creonte são duas personagens centrais e eles servem-se do termo *deinós*; este associa-os perante o sagrado de que são intérpretes.

<sup>28</sup> Agradecemos aos responsáveis pelos Serviços de Arquivo Histórico da Faculdade de Letras (Dr.<sup>a</sup> Cristina Faria) e de Divisão de Alunos e Docentes da Reitoria da Universidade de Lisboa (Doutor Carlos Sirgado) o apoio prestado para recolher informação. Igual agradecimento endereçamos às autoridades da Faculdade de Letras (nomeadamente da Secretária da Faculdade, Dr.<sup>a</sup> Teresa Matos) pela compreensão com que atenderam o nosso pedido para consulta do Arquivo.

passagem pela Faculdade de Letras.<sup>29</sup> Poderiam essas recordações soar a amplificação de algum sonho de ambiente universitário menos fagueiro noutros contactos, mas o coro de elogios alargou-se a gente atraída para o ouvirem: não havia chamada de presença nas suas aulas e por isso muitos iam sentar-se nas bancadas do Anfiteatro I da Faculdade e aí ouvirem as suas lições, sem estarem inscritos na disciplina.<sup>30</sup>

Estava Manuel Antunes na Universidade como na vida. Quanto à instituição que servia, teve ele um percurso universitário atípico, mas simultaneamente lumi-



noso e irradiante. Atípico<sup>31</sup>, sem dúvida: nunca se apresentou a provas curriculares na Universidade e entrou nela sem, rigorosamente, ter diploma de licenciatura reconhecido<sup>32</sup>; luminoso também foi esse percurso, pois brilhou pelo conhecimento (de ciência e de sabedoria), que irradiava sem alardes, sereno e firme, com convicção e exigência de rigor (de si e de todos), na multidisciplinaridade de interesses científicos que traçara como meta e na interdisciplinaridade como intenção de trabalho; irradiante, notoriamente o foi e mais o pudera ter sido, se não lhe fosse necessário conformar-se com alguns formalismos, que dispensaria.

<sup>29</sup> O volume das *Obras Completas*, VI, a que já nos referimos antes, é básico para reconhecer esses testemunhos.

<sup>30</sup> Para referir apenas o caso de José Mariano Gago, lembrava ele que, quando podia, em intervalo de aulas no Instituto Superior Técnico, não deixava de passar pelas aulas de Manuel Antunes.

<sup>31</sup> Não é o único caso, pois outros foram admitidos em lugares de Assistente/Professor Convidado, ao longo dos anos, mesmo sem diplomas universitários ou prestação de provas de doutoramento; no primeiro caso, está o P.<sup>e</sup> Honorato Rosa (José Honorato Gomes Rosa, de seu nome completo), que entra na Faculdade de Letras em 1960, para ensinar *História do Cristianismo*; irradiava ciência e bondade, mas faleceu prematuramente em 1967. Citar outros? Mário Chicó, por exemplo. A Universidade tem consciência de que nem sempre é livre nas suas decisões científicas e não consegue ultrapassar condicionamentos internos e externos; tem de dar testemunho que nem todos foram iguais e nem todos ocuparam com igual dignidade o (en)cargo que lhes confiou; de alguns recebeu mais do que lhes deu, mesmo em consideração e respeito.

<sup>32</sup> Podia ele advogar o equivalente a licenciatura, por ter realizado o Curso Teológico na Faculdade de Teologia de Granada (Espanha) e ter frequentado o Seminário de Namur (Bélgica), entre 1946–1951, concluídos com a máxima classificação; verdade é que os Cursos dos Seminários ou de Universidades Pontifícias não eram reconhecidos pela lei portuguesa (inclusivamente, quem se quisesse candidatar à frequência da Universidade, após a conclusão do Curso de Seminários, tinha que sujeitar-se a exame de 7.º ano, em caso de pretender seguir Letras, e 5.º e 6.º de Ciências, no caso de optar por outra via).

O enguiço havia de quebrar-se no dia em que Orlando Ribeiro, desencantado com o panorama que divisava em “visita de campo” às classes menos graduadas dos docentes da Faculdade de Letras, a poucos dias de entrada no cargo efêmero de Director que ocupou, em 1958: resolvera ele conhecer a Faculdade de que passara a ter encargo e quis auscultar os docentes de escalão inferior; ficou então surpreendido com o recorte das pessoas que ia auscultando: em contraste com alguns, eram firmes e prontas as convicções e a serenidade de Manuel Antunes, que sabia questionar-se na sua circunstância de docente universitário.

Nesse dia, decidiu Orlando Ribeiro levar a Conselho Escolar uma proposta que mudasse a categoria administrativa de Manuel Antunes, advogando a sua passagem a Professor convidado da Faculdade. Não lhe foi difícil concitar adesões e votos entre os membros do Conselho Escolar<sup>33</sup>.

Já nessa altura a personalidade de Manuel Antunes era conhecida dos meios culturais, pois com eles convivia, como vanguardas que ele entendia e apoiava.<sup>34</sup>

Orlando Ribeiro haveria de caracterizá-lo, mais tarde, ao escrever em dia do funeral de Manuel Antunes: “sem dureza ou frialdade, sempre pronto a conversar, de modo discreto, quase tímido, mas em quem logo se sentia o pleno domínio das ideias, o vigor e a clareza da exposição e a tolerância perante o interlocutor”<sup>35</sup>. Não era diferente o juízo formulado por outros que o conheceram em contextos mais largos, como foi o caso de Sofia de Mello Breyner Andresen.

Entrou ele adulto na Universidade: o diálogo que mantinha com escritores reconhecidos e outras personalidades da cultura permitir-lhe-ia, se quisesse, invocar estatuto de maioria, mas não o fez<sup>36</sup>: sustentava-se em maturidade do espírito e não apenas nos anos de vida (próximo dos 40 anos); tinha lucidez e perspicácia de análise que discorria e argumentava por conhecimento próprio, sem precisar de encosto a autoridades; apresentava-se com a certeza de uma linguagem esclarecida, que se servia de contrastes para ser distintiva e na

---

<sup>33</sup> Cf. *Obras Completas*, VI, pp. 322-325.

<sup>34</sup> O grupo da *Presença* buscou o apoio dele, mas também o quis Francisco Costa, que esperava um apoio para o seu catolicismo confesso.

<sup>35</sup> Orlando Ribeiro, “Manuel Antunes, uma vida do espírito”, *Diário de Notícias*, 31-01-1985 (em artigo de homenagem escrito no próprio dia em que foi conhecido o falecimento de Manuel Antunes, a 18 de Janeiro de 1985).

<sup>36</sup> O rascunho de Vitorino Nemésio apenas menciona em apoio da proposta de contratação a bibliografia mais adequada às funções para que era feito o recrutamento.

distinção procurava ser abrangente; firmava-se em espírito de indagação, capaz de subir até Delfos e aí colher a sabedoria do *gnôti seautón* — Γνῶθι σεαυτόν que lhe serviria para ajudar outros a interrogar-se a si mesmos nas suas debilidades e nas suas aspirações, sem esquecer o sentido da medida frente ao Outro, na sua singularidade e na distância do transcendente, evitando a *hybris*, sentimento de filáucia e ultridade que desencadeia as iras da divindade, mas, contida na sua dignidade própria, reconhece a condição humana nos seus limites próprios<sup>37</sup>. Acima de qualquer circunstância apontava como ideal o *homo misericors* oposto ao *homo mechanicus* — assim regista num ensaio de 1972 e 1973<sup>38</sup>.

## 8. RECONHECIMENTO DE MÉRITOS.

Gerações sucessivas de alunos e de professores conviveram com Manuel Antunes no interior de uma Faculdade que foi capaz de perceber os seus dotes e o admirava; ele dedicou-lhe o carinho que faz parte do humanismo que alarga os seus horizontes ao tamanho do mundo. Ao seu ensino e aos seus méritos científicos prestou homenagem o corpo académico quando, por unanimidade, embora os tempos fossem de espíritos ainda crispados, em 1981, propôs Manuel Antunes para o Doutoramento “Honoris Causa” pela Universidade de Lisboa.<sup>39</sup>

Firmava-se tal reconhecimento em ciência adquirida por reflexão sólida de momentos de recolhimento (mais que de isolamento, era de retemperamento): de facto, foi ele capaz de proporcionar a sucessivas gerações de universitários a possibilidade de se tornarem adultos, tornando-se autónomos no pensar e decididos

---

<sup>37</sup> A máxima tornou-se referência para a cultura ocidental: Pierre Courcelle, op. cit.

<sup>38</sup> Antunes, M., “O homo mechanicus e o homo misericors”, *Brotéria*, 95, 1972, Dezembro, pp. 507-518; *Idem*, “O homo misericors”, *Ibidem*, 96, 1973, Janeiro, pp. 14-22.

<sup>39</sup> Muitos solicitaram conselhos a Manuel Antunes; a todos os dava sem se substituir na decisão individual. O signatário destas linhas de homenagem também procurou ouvi-lo no momento de decisão para aceitar convite de ensino na Faculdade de Letras; a delicadeza com que colocou a sua experiência em confronto não podia deixar de tocar-me e não menos útil foi o sentido de liberdade em que me deixou decidir. Ajudava quanto estivesse ao seu alcance: é-me dado saber que certo dia, uma antiga aluna teve um problema de gravidez que outros de família queriam travar, por suspeitarem de consequências que pretendiam evitar; ela andava preocupada e isso transparecia no seu rosto; Manuel Antunes apercebeu-se e ela desabafou com ele: não descansou ele enquanto não buscou resposta dos mais reputados especialistas em genética; tudo correu bem e a pessoa em causa é homem de grande rasgo e com filhos criados.

a serem empreendedores por responsabilidade própria no meio dos homens (adultos, que se recusavam a serem astutos, por serem verdadeiros).

A Universidade, que em 1957 passava por uma benéfica renovação, teve o mérito de lhe perceber as capacidades de origem; terá agido seguidamente de forma passiva por se abster de lhe propor algo que dinamizasse a investigação, quando sabia das suas capacidades: para isso teria sido necessária inovação no sistema de funcionamento — o que não era possível em unidades padronizadas; não o aliviou de multidões que seguiam as suas aulas, mas das quais apenas uma pequena percentagem aceitaria seguir rumos por ele traçados: convenhamos que isso teria sido uma aposta transformadora com efeitos multiplicadores no tempo.

Em todo o caso, uma consequência benéfica se verificou: muitos usufruíram de um contacto que os marcou para a vida. Fruto desses contactos é a irradiação que cedo começa e se prolonga por 23 anos — de 1958 a 1981: os dois últimos anos, 1981–1983, foram vividos em doença, mas, mesmo na ausência, não foram eles menos seguidos por todos os que com ele haviam contactado e se perguntavam pela sua saúde.

Que nos diria ele se quiséssemos interrogá-lo sobre esses anos todos? Na cerimónia de doutoramento “*Honoris causa*”, em 1981, Manuel Antunes só teve palavras de agradecimento, acabando e terminando com a mesma epígrafe, de teor senequiano: “Saber dar e saber aceitar um benefício, eis aí uma bela, uma divina coisa”.

A reciprocidade ditava-lhe as atitudes, mas percebia-se que tinha dado mais do que tinha recebido. A sua intervenção terminava em interrogação a si próprio, em exame de consciência na apresentação pública: “A Universidade Clássica de Lisboa soube certamente dar. Terei eu sabido corresponder na mesma medida?!”.<sup>40</sup>

A forma da pergunta era de uma humildade sem disfarce e dava a medida do seu espírito generoso e exigente consigo próprio.

Possivelmente, a acção de Manuel Antunes nunca teria sido a mesma sem o convívio com a vida universitária — pela consciência científica que ele desenvolveu, pela inquietação humana que daí retirou, pela exigência de rigor que se

---

<sup>40</sup> A frase é interrogativa, mas o tom é também de surpresa; a pequena monografia, *Doutoramentos Honoris causa*, Lisboa, Reitoria da Universidade de Lisboa, 1981, que recolhe os discursos pronunciados fez bem em conservar o ponto de admiração que é original e deixa entender a complexidade de quem se expõe perante a admiração de outros.

impôs a si mesmo para transmitir aos outros.<sup>41</sup> Revertendo o processo, há que reconhecê-lo, a Universidade de Lisboa teria sido mais pobre se para ela não tivesse ele levado o espírito da liberdade interior, habitada pela meditação dos problemas, pequenos e grandes, e pelas preocupações permanentes do Homem (em imanência, de-si-em-si, em relação com o Transcendente, de-si-para-o-Outro, em transcendência de si, mesmo que não fosse a religião a temática que devia expor, porque o sentido de *pietas* vivia nele, como no *pious Aeneas*, que também é *magnanimus, magnus, heros, bonus*).<sup>42</sup>

Caminhando pelos corredores da Faculdade, leve e pressuroso, sem ser esquivo nem fugaz, com a ligeireza de quem não queria molestar, mas advertindo em quem estava — para dar passagem e armado com a paciência do mundo todo para responder a quem o interpelasse, se necessário — tinha a discrição máxima para guardar o sentido de quem sabia não ser dali, embora ali estivesse permanentemente.

Sem se colocar em evidência, mesmo que na margem, era impossível não advertir na sua palavra — que aliava a reverberação da Antiguidade com as notas de Modernidade: lia Homero com o *Ulisses* de James Joyce ao lado; apreciava Platão e teve planos para investigar os caminhos de Plotino, a quem procurava nas lições dos melhores investigadores de Oxford ou de Munique; tinha também consigo a lição das novas gerações de poetas e convivia com eles pela lição que eles lhe pediam ou ele lhes sugeria; tinha o sentido da intuição pela singularidade e apreciava o que se abria à integração cultural e ao significado proposto.<sup>43</sup>

Tão frágil e vibrátil como Sêneca (segundo a sua caracterização), não foi menos sensível ao mundo que o rodeava, como fizera o filósofo de Córdova — *ingenium temporis eius auribus accomodatum* — “espírito atento para escutar o que lhe

---

<sup>41</sup> Haverá que comparar os trabalhos publicados antes e depois da entrada na Faculdade de Letras; no entanto, é bem claro que Manuel Antunes apresentava de há muito uma análise superiormente estruturada, um juízo clarividente dos conteúdos, uma linguagem serenamente “ontológica” (se nos é permitido servirmo-nos desta caracterização, que, se não é infiel a Manuel Antunes, pretende ir do dizer ao ser e do ser ao dizer). Vejam-se as reflexões de índole literária que publica como “prática crítica”; cf. *Legómena*, Lisboa, INCM, 1987.

<sup>42</sup> Raramente Manuel Antunes se afastava do esquema da lição; havia, no entanto, situações em que se desprendia do que havia preparado e, saindo do texto, discorria por temas da actualidade, como que em aplicação da lei da vida, inexorável nas suas ocorrências: da História Romana passava facilmente, por similitude a situações de actualidade, como seria o fenómeno das eleições americanas.

<sup>43</sup> A Amândio César queixava-se Francisco Costa, romancista que fazia profissão de católico, de que Manuel Antunes mantinha a sua “habitual reserva”; mais tarde haveria de o receber para longa conversação.

queriam dizer os tempos que passavam” (se assim podemos traduzir): recolhido em tempos de *otium* activo e contemplativo, atendia às correntes culturais dos seus dias, sem se deixar iludir nem por fogos-fátuos nem pelo *cursus honorum* do poder — porque nunca se limitou a ver a superfície e mergulhava no fundo das intenções; nunca aspirou ao fastígio do rei-filósofo, mas aceitou servir quando os acontecimentos assim exigiam e tolerou até o que para todos seria intolerável.<sup>44</sup>

Desde o início da vida universitária (que nunca foi carreira), Manuel Antunes está aquém e além da Universidade, estando nela e atravessando-a luminosamente. Ainda que sem nunca ter realizado obra monográfica que ele considerava devida à investigação em trabalho exaustivo e definitivo (a sua ambição era tratar de *Mística e Filosofia em Plotino*) e sem ter participado em pleno da capacidade de intervir (porque nunca foi do quadro da Universidade), sem ter promovido directamente a ciência em discípulos apresentados ao doutoramento e por ela julgados, sem ter requerido dela, em provas públicas, o juízo contraditório que obrigasse à resposta, ele habitou plenamente a Universidade, pelo juízo que fazia das situações, do sistema, dos alunos que lhe cabia avaliar.

Contradições, porventura, de um homem sumamente dotado de inteligência e de juízo crítico, de lucidez para perceber o registo dos outros e de facilidade para expor os conhecimentos que assimilava, conhecedor, como poucos, de uma bibliografia imensa e actualizada, senhor de sentido agudo das exigências da vida universitária, partilhando ciência com todos quantos precisavam do seu conselho, deixava o assombro em todos quantos o abordavam...

Só temeu ser chamado a interrogatórios políticos, certamente por temer efeitos daí derivados para outros e também porque conhecedor dos segredos recônditos da alma humana e porque conhecedor da fragilidade perante as prepotências praticadas por gente que se apegava ao poder à custa dos outros.<sup>45</sup>

Por si revia-se na lição de Platão, quando no *Teeteto*, lembrou que “quem disse que Tauma — a admiração — é filha de Íris — a lucidez — disse uma bela coisa”. Manuel Antunes lia abundantemente e sabia entender o que merecia admiração.

---

<sup>44</sup> Valerá a pena ler o ensaio que Manuel Antunes dedica a Séneca nos *Grandes Contemporâneos*; dos antigos é o único que ali figura, em muitos traços um auto-retrato.

<sup>45</sup> Multiplicou-se em pseudónimos, embora soubesse que lhe era difícil escapar à identificação e não cultivou heterónimos, embora soubesse que, na sua própria identidade, era ele e o seu oposto, em convívio paradoxal, nunca resolvido.

## 9. CAMINHOS QUE SE FAZEM CAMINHANDO.

Manuel Antunes chega à Universidade por convite (e não por concurso). Não cabia na Universidade e transcendia-a, mas serviu-a na busca do universal (*unus ad omnia versus*). A Universidade teve o condão de o cooptar e de o acolher, de lhe reconhecer os dotes, sem lhe recusar a identidade de jesuíta — filho de Santo Inácio e membro da Igreja.

Não precisa de ser apregoado o acolhimento que lhe foi prestado, pois ele é público — nem teria de ser acentuado se ele próprio não o tivesse provocado (para se situar, imaginando o que a descrição não consentia, mas não se privou de se referir a si com uma ponta de ironia socrática<sup>46</sup>).

Falta analisar a influência que ele irradiou entre os seus pares ou a integração que eles fizeram do seu exemplo, pois eram e são muitos os que nele reconhecem a luminosidade de sabedoria que os marcou para a vida inteira, quando ela começava a ganhar ritmo humano nas suas experiências pessoais.

Alguns pretendem ver em Manuel Antunes a excepção universitária que o distanciava na construção do conhecimento e no serviço da ciência. Com respeito pela verdade, não se pode contrapor o que nunca foi contraposto nem ele alguma vez, que notássemos, admitiu. Sendo diferente, não era “outro”.

A Faculdade de Letras de Lisboa ficou marcada pela sua presença e sem ele não teria sido igual. Não se podem, de facto, esquecer outras figuras que na mesma Faculdade o acolheram e nela se destacaram e dela irradiaram.



O percurso de Manuel Antunes na Universidade é sem interrupções, mas não sem conturbações, ao longo de 23 anos (entre 1958 e 1981, pois os dois anos seguintes foram de recolhimento, e não de afastamento, por doença<sup>47</sup>).

<sup>46</sup> Nunca foi 3.º Assistente (categoria que nunca existiu — o ter sido alguma vez indicada por Manuel Antunes só o podia ter sido em tom jocoso, que eventualmente alguém não percebeu); cedo foi admitido como Professor convidado (na categoria de Professor Ordinário cabiam os docentes universitários do quadro efectivo de pois de aprovados em provas de Professor Extraordinário — o Doutorado era 1.º Assistente e a carreira começava como Assistente eventual; nenhum destes pertencia a órgãos de gestão).

<sup>47</sup> A contagem do tempo de serviço, solicitada a 26 de Setembro de 1983, atribui-lhe 25 anos e 198 dias.

O reconhecimento das suas múltiplas competências fica comprovado logo em 1 de Outubro de 1958, quando é solicitado a integrar júri de tese de licenciatura<sup>48</sup>; em 1967, participa em provas de Doutoramento e outras se lhe seguiram<sup>49</sup>. Foi longo o percurso académico de Manuel Antunes: é isso tema propício para crónica que deveria revelar meandros de um mundo universitário onde nem sempre as vaidades de alguns estavam ausentes.

No ano seguinte, de 1961, ocorreu uma situação perturbadora no percurso académico de Manuel Antunes, quando se coloca a conveniência de ele repartir o ensino de *História da Cultura Clássica* com outro docente, o Dr. José Vitorino de Pina Martins.

A situação está mal documentada e só é possível reconstituí-la pela boa memória deste último (que no-la confiou a seu tempo): tinha ele (Pina Martins) sido convidado para leccionar *História da Cultura Moderna*; ora, outro professor, catedrático, que tinha a seu cargo a leccionação de *História da Filosofia Moderna*, reclamou para si também a outra cadeira, alegando afinidades entre as duas disciplinas. Pina Martins era completamente desconhecedor e estranho ao que se passava; aliás, J. V. Pina Martins era uma das pessoas a quem Manuel Antunes, em exposição ao Director da Faculdade de Letras, Prof. Manuel Heleno (que sucedeu a Orlando Ribeiro, na Direcção da Faculdade de Letras, após renúncia de Vitorino Nemésio), em 31-12-1960, propusera para o acompanhar no ensino da sua cadeira.<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> Tratou-se do acto final de licenciatura de Álvaro Júlio Ferreira Machado dos Penedos, em que a dissertação tinha por título *A existência de Deus e a Sabedoria divina em S. Boaventura*.

<sup>49</sup> As primeiras provas académicas de que temos conhecimento foram, em 1969, a de Maria Helena T. C. Ureña Prieto e a de Fernando de Mello Moser. Não sendo possível fazer investigação relativa a todas as participações em júris de doutoramento, apontaremos, por todas, a sua intervenção nas provas de doutoramento, no ano lectivo de 1979-1980, de José Adriano Barata-Moura, seu antigo aluno e mais tarde Reitor da Universidade de Lisboa.

<sup>50</sup> A análise de situação de um número largo de alunos que frequentava a cadeira de *História da Cultura Clássica* devia ter sido feita pelo Director e pelo Conselho Escolar. Na sua exposição, Manuel Antunes manifesta-se agradecido, mas incapaz de decidir cabalmente, por dois motivos: a) de entre os seus alunos que frequentaram a disciplina, não há ainda nenhum que tivesse completado a licenciatura; b) ninguém dos seus conhecimentos directos aceita tomar o encargo. Transferindo a decisão para o Director da Faculdade, propõe os nomes de quatro pessoas que poderiam ser contactadas (explicando que por escassez de tempo e sobretudo por motivos de doença, que há uma semana o retém em casa, não teve possibilidade de indagar da sua disponibilidade); essas pessoas são: José [V.] de Pina Martins (Leitor em Poitiers), Laura Arminda de Carvalho (Instituto de Odivelas), Maria Ana Almendra (Instituto de Odivelas), Maria Luísa Santiago Ribeiro (Liceu de Oeiras). Em alternativa, sugere a abertura de concurso. Na margem superior do documento, alguém, em letra que não logramos identificar, apontou também o nome do Dr. Almeida Pavão (que era docente no Liceu de Ponta Delgada).

Os factos podem reconstituir-se por testemunho dos intervenientes neles: J. V. Pina Martins, fora convidado pelo Prof. Gonçalves Rodrigues e, mediante este, pelo Conselho Escolar para se encarregar do ensino de *História da Cultura Moderna*; para tal teve ele de renunciar às funções de Leitor de Português na Universidade de Poitiers, onde se encontrava (depois de ter passado por Roma em idênticas funções).

No dia em que a proposta de contratação chegou ao Conselho Escolar, Delfim Santos, catedrático de Filosofia, reclamou para si a docência que era considerada afim à da sua regência (*História da Filosofia Moderna*).

Nestas circunstâncias, sem que tivesse sido dado andamento ao pedido feito por Manuel Antunes para ter colaboração de um assistente, e sem que ele tivesse sido avisado nem houvesse conhecimento de J. V. Pina Martins, alvitrou-se uma solução: a disciplina de *História da Cultura Clássica* ficaria repartida.

De facto, J. V. Pina Martins é autorizado pela Reitoria, em 20 de Julho de 1961, para “o exercício de funções de 2.º Assistente da cadeira não agrupada de *História da Cultura Clássica*”, sendo em processo seguinte, de 7 de Novembro, autorizado a reger aulas teóricas da mesma disciplina — situação que se repete no ano seguinte, 1962).<sup>51</sup> Manuel Antunes não se conformou e tomou os factos como desconsideração, pelo que chegou a apresentar renúncia de funções; opôs-se o Reitor, Prof. Marcelo Caetano, com quem o Jesuíta, aliás, colaborava de perto na redacção da *Enciclopédia Verbo* — que estava em preparação e seria publicada a partir de 1963.

No ano de 1963, porém, Pina Martins passa à secção de Filologia Românica (para leccionar Literatura Italiana e outras disciplinas — argumentando os Catedráticos da Secção em Conselho Escolar com a ausência da Prof.<sup>a</sup> Maria de Lurdes Belchior).

A partir daí, Manuel Antunes é coadjuvado nas aulas práticas de *História da Cultura Clássica* por Victor Buescu, o qual, na Faculdade de Letras, estivera integrado na secção de Filologia Românica, no desempenho de funções de Leitor de Romeno.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Note-se que a atribuição de regência era uma forma de compensar, com um suplemento económico, os baixos salários que auferiam os membros do corpo docente da Universidade, particularmente os Assistentes (os Leitores eram financiados pelas embaixadas).

<sup>52</sup> De origem romena, era doutorado em Filologia Clássica pela Universidade de Bucareste, em 1939, com uma tese sobre os *Aratea* de Cícero, fez estudos da Sorbona e, depois de trabalhar aí como leitor de língua

Por decisão sua fica Manuel Antunes afecto ao Grupo de História da Faculdade de Letras: na sequência disso, em 1965, a 16 de Janeiro, sendo Directora da Faculdade a Prof.<sup>a</sup> Virgínia Rau, é-lhe entregue a disciplina de *História da Civilização Romana*.

Nesse mesmo ano de 1965, no seguimento de “missão de estudo fora do país”, Manuel Antunes apresenta relatório ao IAC, mas — para satisfazer formalidades relativas a processo de expediente — é-lhe também solicitada entrega de cópia para a Reitoria (fica, aliás, na Faculdade esse relatório enumerativo e sucinto, de uma página, com a data de 30 de Dezembro de 1965; a “missão de estudo fora do país” reporta-se ao período “entre 5 de Maio e 5 de Julho de 1965” — notamos que coincide com a participação na XXXI<sup>a</sup> Congregação Geral da Companhia de Jesus<sup>53</sup>). Já em 26 de Junho de 1961, fizera pedido similar para o período de férias estivais.

Tomará lugar de equiparado a Prof. Catedrático, especialmente contratado, em 1970, entregando para tal a documentação necessária: a proposta é aprovada, em Conselho Escolar, na data de 14 de Abril, é transmitida a proposta à Reitoria, mas esta volta a requerer fundamentação em 19 de Maio, seguindo-se o currículo apresentado por Manuel Antunes em 14 de Agosto; entretanto, dera-se publicação em DG II sér. 182, de 7–8–1970, e a isso se deu despacho a 8–9–1970, com tomada de posse como Professor “especialmente contratado” de *História da Cultura Clássica*, situação que ocorre em 19 de Setembro de 1970.

Por uma única vez, no seguimento de alterações no sistema universitário, em Julho de 1974, Manuel Antunes faz parte da Comissão Directiva da Faculdade de Letras (juntamente com L. F. Lindley Cintra), mas a experiência malogrou-se ao fim de um mês (por impossibilidade de congregar os ânimos entre alunos em reuniões de Comissão Directiva).

---

e literatura romena (1934–1938), desempenhou funções de Assistente na Universidade de Bucareste (1939–1943), depois do que chega a Portugal, em 1943, e entra como Leitor de Romeno na Faculdade de Letras de Lisboa, passando à situação de Assistente, em 1963, justamente quando transita para a disciplina de História da Cultura Clássica (Cf. *Verbo*).

<sup>53</sup> O relatório de 30 de Dezembro de 1965, esclarece que a missão fora solicitada “sem encargos materiais”, o que significava situação de equiparado a bolseiro; os locais de trabalho foram as cidades mortas de Óstia, Pompeia e Herculano; os Museus da Antiguidade em Roma (Vila Giulia e Museo della Civiltà Romana), Florença (Archeologico), Tarquínia (Nazionale), Tívoli (Villa Hadriana), locais arqueológicos (Foros Romanos), Bibliotecas Vaticanas; além disso, menciona “encontros com eminentes personalidades estrangeiras”. Compreende-se o teor do relatório; sendo verdadeiro no que enuncia de natureza científica, não tinha de mencionar outros factores que se devem entender por documentação complementar.

Por fim, em 11 de Março de 1977, a pedido da Comissão Nacional Interuniversitária de 29 de Dezembro de 1976, uma Comissão, composta por diversos professores de Filosofia (sector em que Manuel Antunes passara a leccionar a partir de 1974), emite parecer favorável à permanência de Manuel Antunes na situação de equiparado a Prof. Catedrático: o relator designado para tal parecer foi o Prof. José Sebastião da Silva Dias e o mesmo é subscrito por unanimidade pelos restantes (Francisco da Gama Caeiro e Joaquim Cerqueira Gonçalves).

As condições de saúde de Manuel Antunes haviam entrado em situação precária. Na data de 27 de Julho de 1980, solicita ele “férias sabáticas” de 1 de Outubro de 1980 a 30 de Setembro de 1981; recebe parecer favorável do Conselho Científico da Faculdade, em despacho de Fernando Mello Moser, Presidente daquele órgão.

A 12-12-1980 (na sequência da aplicação do ECDU), é aprovada em Conselho Científico da Faculdade de Letras a proposta da sua contratação como Prof. Catedrático Convidado: foi essa proposta veiculada, nessa mesma data, para a Reitoria, assinada por mim próprio, em nome do Conselho Directivo da FLUL, de que eu fazia parte, e por deferência do seu Presidente, Prof. Ernesto d’Andrade Pardal, que em mim delegou. Por atraso nos trâmites do processo, apenas assina contrato em 25-7-1981, mas com efeitos retroactivos a 1-12-79 (como previsto na Lei, o contrato é válido por um quinquénio).

Entretanto, em 24-01-1981, o plenário do Conselho Científico havia aprovado por unanimidade e aclamação a proposta de Doutoramento “Honoris causa” para Manuel Antunes, fundamentando a votação em que “a formação científica de Manuel Antunes ultrapassa os quadros dum saber científico, sendo caracterizada pela multidisciplinaridade”.

Decorreu a cerimónia de entrega de Diploma na Reitoria, em sessão solene, em 15 de Fevereiro de 1981, presidida pelo Reitor, Raul Miguel Rosado Fernandes, e integrada em doutoramento atribuído “honoris causa” a mais sete personalidades de ciência: entre outras personalidades estavam algumas que em tempos anteriores haviam sido afastadas do ensino universitário.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Foram eles: Manuel C. Díaz y Díaz (Univ. Santiago de Compostela); Joseph Maria Piel (Universidade de Trier e antigo professor da Faculdade de Letras), Baltazar Lopes da Silva (Cabo Verde); Manuel Antunes (Universidade de Lisboa); Hans Popper (Universidade de Harvard); Sheila Sherlock (Universidade de

Nesse mesmo ano de 1981, a doença que o havia de vitimar torna-se irreversível: ele recolhe a casa e é depois internado no Hospital de Santa Maria. É agraciado com o grau de “Grande Oficial da Ordem Militar de Cristo”, a 8 de Junho de 1983. É dispensado de assinatura para renovação de contrato em 1984. Por atraso na publicação em *Diário da República* do despacho do Vice-Reitor da Universidade de Lisboa (que é de 17-12-1984), só a 25-1-1985 o Tribunal de Contas visa o contrato que transfere Manuel Antunes de “professor de História da Cultura Clássica, como pessoal especialmente contratado, equiparado a professor catedrático além do quadro da Faculdade de Letras desta Universidade, rescindindo, a seu pedido, o respectivo contrato, a partir de 1-12-1979, por ter sido provido noutro lugar”.

Na data referida no despacho, já o Padre Manuel Antunes falecera, a 18 de Janeiro de 1985, atingido pela doença degenerativa de Parkinson.

A produção científica de Manuel Antunes processa-se ao longo dos anos em forma diversa, por vezes intensa e extensa, assinada com nome próprio ou com pseudónimos. Em relatório curricular de 1970, dá conta de vários livros onde reúne estudos publicados em *Brotheria* e informa de que “trabalha na elaboração de uma «História da Cultura Ocidental desde os Gregos aos nossos dias», para a qual tem reunido, desde 1952, abundante material designadamente no sector da história do platonismo, neoplatonismo e estoicismo”.



---

Londres), Jules François (Universidade de Gand); Manuel Valadares (CNRS-Paris); Aurélio Quintanilha (Instituto Botânico). Presidiu à cerimónia o Reitor, Prof. Doutor Raul M. Rosado Fernandes. Os discursos da cerimónia encontram-se publicados pela Reitoria da Universidade de Lisboa, em monografia: *Doutoramentos Honoris Causa*, Lisboa, Reitoria, 1981; infelizmente não há crónica da cerimónia nem sequer data em que tenha ocorrido, mas confirmámo-la pelos diplomas entregues, 15 de Fevereiro de 1981 (nisso tivemos a função de *scriptor academicus*); saliente-se da intervenção do Reitor a afirmação da autonomia universitária perante o poder político e o recomendar de uma tradição interrompida durante oito anos, sinal de uma nova atitude na vida académica. O elogio da praxe para Manuel Antunes coube a Francisco da Gama Caeiro: sublinhou ele a qualidade e a projecção do ensino universitário do doutorando e a reflexão por ele feita sobre a vida universitária, tomando a Universidade como instância promotora de cultura em historicidade e como tal em permanente crise de busca de superação (ressalve-se a omissão da docência na disciplina de *História da Cultura Clássica* — lapso mais que evidente, tanto mais que se refere o número tópico de 15.000 alunos que terão frequentado as suas aulas). No seu agradecimento protocolar, Manuel Antunes faz questão de mencionar os nomes de Vitorino Nemésio e Orlando Ribeiro, por estarem na origem da situação académica que manteve na Faculdade de Letras e Victor Buescu, pelo acompanhamento que lhe fizera no ensino.

Tal produção científica concretiza-se em ensaios que publica, com regularidade e assiduamente, em números sucessivos da revista *Brotéria*, desde 1952 (com a responsabilidade de Director desde 1964), nas secções de História da Cultura, Filosofia, Crítica Literária e Sociologia das relações internacionais. Em apontamento de 4-12-1980 — que pela proximidade da data se pode depreender tratar-se de documento preparado para efeitos de aplicação do ECDU no Conselho Científico, Manuel Antunes, meticolosamente, anotou as publicações dos últimos anos e deixou expressa a razão que o vinculava à Secção de Filosofia a que passara a pertencer.<sup>55</sup>

## 10. UMA VIDA – UMA OBRA QUE SE PROLONGA.

A obra prolonga o homem. A vida de Manuel Antunes foi curta para o que ele se propunha fazer. A doença foi traiçoeira e não lhe consentiu sequer ordenar por si próprio os ensaios que fora publicando ao longo da vida.

Naqueles que publicou em anos espaçados pouco ou quase nada alterou do que fora primitivo. Dificilmente algum ensaísta se reconhecerá na mesma identidade ao longo de anos, sobretudo quando os tempos foram marcados por rupturas. Não assim com Manuel Antunes; por isso se lhe pode aplicar o que ele escreveu de Kierkegaard: nascido adulto e adulto se manteve sempre! Na realidade, a capacidade de abstracção de Manuel Antunes levava-o a um nível que não cedia perante as intempéries: a historicidade ficava marcada pelos pilares que ia construindo com a mesma firmeza ao longo dos anos.

---

<sup>55</sup> O documento, em terceira pessoa, foi publicado, em *fac-símile*, pelo *Diário de Notícias*, em complemento ao artigo de Orlando Ribeiro. É o seguinte o seu teor: “1) Segundo cálculos muito aproximados, devem ter passado pelos seus cursos cerca de quinze mil alunos. 2) Nos dois volumes suplementares de ‘Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura’, publicou mais seis artigos, relativamente longos de temática filosófico-cultural, o que perfaz na mencionada obra um total de 240 (duzentos e quarenta) artigos. 3) Contribui para o volume colectivo “Ideia e Matéria” – Comunicações do Congresso Hegel – 1976, com o texto *A Filosofia do Trabalho na Filosofia do Direito de Hegel* (II, 188-208), Ed. Livros Horizonte, Lx, 1978, pp. 389-408. 4) De temática filosófica, ainda [além da?] mencionada, publicou: – As cinco revoluções do idealismo, in *Brotéria*, vol. 104, 1977, pp. 123-146. – Do materialismo dialéctico, *ib.*, *ib.*, pp. 255-276. – Poesia e Ontologia, *ib.*, vol. 108, 1979, pp. 125-133. 5. Desde bastante cedo, o autor deste breve elenco entendeu que uma sã interdisciplinaridade deveria ser precedida, mesmo a nível individual, por uma pluridisciplinaridade tão larga quanto a cada um fosse possível, para não se cair numa glossolalia de surdos. Entendeu também, ao longo dos anos foi entendendo, que o vínculo unitivo dos *disecta membra* deveria ser a Filosofia. Lx., 4.XII.1978 – Manuel Antunes”.

A Academia das Ciências de Lisboa acolheu Manuel Antunes nas suas fileiras, por proposta apresentada por Francisco Rebelo Gonçalves e subscrita por Gustavo Cordeiro Ramos, Jacinto do Prado Coelho e Luís F. Lindley Cintra, em finais de Janeiro de 1967.<sup>56</sup>

Essa mesma Academia confiou-me o encargo de o recordar neste ano em que passa o centenário do seu nascimento. Antecipamo-nos, pois à data que apenas ocorre em Novembro: pouco interessa que seja antes do dia exacto (3 de Novembro), já que ele adquiriu direito a um tempo que está para além do tempo, na nossa lembrança e no que ele nos deixou.

---

<sup>56</sup> Cf. *Obras Completas*, VI, pp. 249-250.

\* A presente comunicação não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.